

Tempo de cair na real

Narrativas de não ficção movimentam mostras, ocupam o circuito comercial e resgatam o Cineclube Macunaíma num flerte da cinefilia carioca com a poesia do documentário nacional

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A chegada ao circuito comercial de “Ecos do Teatro Experimental do Negro”, de Daniel Solá Santiago, programado para Cinesystem Belas Artes, amplia o espaço da não ficção em nossas telas, que receberão na semana que vem o multipremiado “A Fabulosa Máquina do Tempo”, de Eliza Capai, coroado com loas na Berlinale. Estamos com “Toquinho – Encontros e um Violão”, “Alma Negra – Do Quilombo ao Baile”, “A Noite de Alaíde” e (o genial) “Anatomia do Caos” em diferentes cantos da cidade.

Mas as vitrines da não ficção se espalham por outras latitudes, entre

elas o auditório do nono andar do edifício da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Centro), que projeta, nesta sexta, às 18h, “Alberto Dines: Vínculos da Liberdade”. O longa mais recente de Ugo Giorgetti será projetado no regresso do Cineclube Macunaíma, patrimônio da cultura carioca que retorna ao berço onde surgiu em 1973.

Neste dia 24 de julho, começa a segunda edição do FID:RIO - Festival Internacional de Artes e Cinema de Não Ficção do Rio de Janeiro, que ocupa sete espaços culturais de nossa geografia com uma programação que reúne cinema, teatro, música e artes visuais. A pepita deste fim de semana é a sessão de “Explode São Paulo, Gil”, de Maria Clara Escobar, no domingo, às 16h, no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Sua protagonista,



O aclamado ‘Explode São Paulo, Gil’ passa no domingo no Rio, no CCJF



Imortal da ABL e artesão autoral do cinema, Cacá Diegues tem seu legado revisitado em ‘Para Vigo Me Voy’, que passa no CCBB



‘Alberto Dines – Vínculos de Liberdade’ marca a reinauguração do Cineclube Macunaíma da ABI

E, nas praias da ficção, chega o Redentor de 2025

Em meio a uma micareta documental em nossos cinemas, “Pequenas Criaturas”, o vencedor do troféu Redentor de Melhor Filme (de ficção) do Festival do Rio 2025, estreia entre nós, enfim. O delicado inventário de cicatrizes dirigido por Anne Pinheiro Guimarães, conta com uma atuação em modo “vísceras à mostra” de Carolina Dieckmann.

Ela está à frente do longa no papel de uma figura, Helena, de quem a vida resolveu tirar tudo... ainda que em penosas prestações. Um alívio (talvez) amoroso lhe chega

na figura de Caco Ciocler, numa atuação daquelas de se aplaudir de pé. Fora isso, tem Fernando Eiras, o titã habitual do cinema de Júlio Bressane... e de palcos cariocas, reafirmando sua alta voltagem dramática, assim como Leticia Sabatella, que abrilhanta nossas telonas bem menos do que a gente precisa. Essa trupe em estado de graça, enquadrada meticulosamente pelo diretor de fotografia Pablo Baião, fez com que Anne amolecasse corações em latitudes escandinavas, em janeiro, no Festival de Gotemburgo, na Suécia.



Carolina Dieckman e Caco Ciocler: exuberantes em ‘Pequenas Criaturas’

Concorreu lá numa seção que leva o nome daquele que foi o mestre supremo da realização: Ingmar Bergman.

“Acho que a Brasília do filme se mostra universal no que ela é cenário de uma história universal - uma história de afetos e encontros de personagens solitários com sede de conexão”, adianta Anne, contextualizando, a cidade que lhe serve de

arena para a trama, ambientada em 1986.

A direção de arte de Claudia Andrade, premiada no Festival do Rio, pavimenta a beleza (mas também a solidão) da capital do país revisitada nessa produção da Bananeira Filmes, de Vânia Cattani. Logo após redemocratização, depois do movimento Diretas Já!, no desfecho do regime militar, He-

Gil sempre quis ser cantora. Mudou-se para Essepê com sua esposa quando tinha 20 anos para realizar esse sonho. Trabalha desde então como faxineira. Maria Clara lhe propõe fazer um filme. Gil se torna famosa, elas explodem duas cidades e refletem sobre sonhos, trabalho e esquecimento.

No CCBB Rio está rolando a mostra Premiados do XXI Panorama Internacional Coisa de Cinema, com joias exibidas antes na Bahia. Nesta sexta, já às 13h30, tem “A Cachoeira”, de Rayssa Coelho e Filipe Gama, e “O Que Você É Sai por Todos os Lados”, de Larissa Lacerda, seguido de “As Travessias de Letieres Leite”, de Iris de Oliveira e Day Sena, às 15h30, desta tarde. No sábado, às 15h40, rola o imperdível “Perequete”, de Bertrand Lira. Às 17h50, a pedida do sábado, com o carimbo do Festival de Cannes, é “Para Vigo Me Voy!”, de Lício Ferreira e Karen Harley, que revive as lutas estéticas e políticas de Cacá Diegues (194902-25). No domingo, o CCBB, às 17h30, vai de “Bregueragem”, de Daniel Arcades, e de “Anti-Heróis do Udigrudi Baiano”, de Henrique Dantas.

lena (Dieckman) chega em Brasília com o marido e dois filhos. Mal os caixotes encostam no chão, ele parte. Ela fica. Tem que cuidar de uma casa ainda por abrir, com uma rotina que não escolheu, com uma quase metrópole estranha que não lhe oferece colo, só espaço. No meio desse vazio, surgem encontros que parecem desvios, mas são rotas de sobrevivência. (R. F.)